

O INTELLECTUAL E O TRABALHADOR*

EL INTELLECTUAL Y LO OBRERO

THE INTELLECTUAL AND THE WORKMAN

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v13i3.47342>

Manuel González Prada¹

[Tradução: Adriano Nascimento²]

I.

Senhores,

Não sorriam se começarmos por traduzir os versos de um poeta.

"Na tarde de um dia quente, a Natureza adormece aos raios do sol, como uma mulher extenuada pelas carícias de seu amante.

O camponês, banhado em suor e ofegante, aguilhoa os bois; mas de repente ele interrompe seu ofício para dizer a um jovem que chega cantando uma canção:

‘- Sorte a sua! Você passa sua vida cantando enquanto eu, do nascer ao pôr do sol, me canso de abrir o sulco e semear o trigo’.

‘- Como você se engana a si mesmo, ó lavrador’, responde o jovem poeta. ‘Nós dois trabalhamos no mesmo e podemos nos chamar irmãos; pois se você está semeando na terra, eu estou semeando nos corações’.

Seu trabalho é tão frutífero quanto o meu: os grãos de trigo alimentam o corpo, os cantos do poeta rejubilam e nutrem a alma".

Esta poesia nos ensina que há tanto bem a ser feito semeando trigo nos campos como derramando ideias nos cérebros, que não há diferença hierárquica entre o pensador que labora com seu intelecto e o operário que trabalha com suas mãos, que o homem do escritório e o homem da oficina, em vez de marchar separadamente e considerarem-se inimigos, devem caminhar inseparavelmente unidos.

Mas por acaso existe algo como trabalho puramente cerebral e trabalho exclusivamente manual? Eles pensam e refletem: o ferreiro ao forjar uma ferradura, o pedreiro ao nivelar uma parede, o tipógrafo ao compor seus tipos, o carpinteiro ao ajustar um móvel, o ferreiro ao forjar uma fechadura, o mineiro ao abrir um veio; até mesmo o oleiro pensa e reflete. Há apenas um trabalho cego e material: o da máquina; onde o braço de um homem trabalha, ali o cérebro se faz sentir. O oposto é válido para as tarefas chamadas intelectuais: à fadiga nervosa do cérebro, que imagina ou pensa, se junta o cansaço muscular do organismo

que executa. Cansam e se esgotam: do pintor o pincel, do escultor o cinzel, do músico o instrumento, do escritor sua pena; até mesmo ao orador cansa e se esgota o uso da palavra. O que é menos material do que a oração e o êxtase? Pois bem: o místico cede ao esforço de dobrar seus joelhos e cruzar seus braços.

As obras humanas vivem do que nos roubam de força muscular e energia nervosa. Em algumas linhas ferroviárias, cada dormente representa a vida de um homem. Ao viajarmos por elas, imaginemos que nosso vagão desliza ao longo de trilhos cravejados por uma série de cadáveres; mas, ao viajarmos por museus e bibliotecas, imaginemos também que estamos passando por uma espécie de cemitério, onde pinturas, estátuas e livros contêm não apenas os pensamentos, mas também a vida dos autores.

Vocês (nos dirigimos unicamente aos padeiros), vocês velam amassando a farinha, vigilando a fermentação da massa e moderando o calor dos fornos. Ao mesmo tempo, muitos que não cozem pão velam também afiando seus cérebros, empunhando a caneta e lutando contra a formidável investida do sono: são os jornalistas. Quando, nas primeiras horas da manhã, o jornal úmido e apetitoso sai das prensas, ao mesmo tempo o pão cheiroso e provocante emerge dos fornos, devemos nos perguntar: quem aproveitou ao máximo sua noite, o jornalista ou o padeiro?

É verdade, o jornal contém a enciclopédia das massas, o conhecimento dado em doses homeopáticas, a ciência no simples traje de vulgarização, o livro daqueles que não têm biblioteca, a leitura daqueles que mal sabem ou querem ler. E o pão? O símbolo da nutrição ou da vida não é felicidade, mas não há felicidade sem ele. Quando está em falta em casa, produz noite e discórdia; quando chega, traz luz e tranquilidade: a criança o acolhe com gritos de alegria, o velho com um sorriso de satisfação. O vegetariano que abomina a carne infecciosa e criminosa, o abençoa como um alimento saudável e restaurador. O milionário, que desterrou de sua mesa a água pura e cristalina, não foi capaz de substituí-lo ou afastá-lo. Soberanamente, ele se impõe na residência de um Rothschild e no casebre de um mendigo. Nos tempos distantes das fábulas, as rainhas assavam o pão e o davam aos peregrinos famintos como viático; hoje é amassado pelos plebeus e, na Rússia, como sinal de hospitalidade, é oferecido pela população aos czares quando visitam um vilarejo. Nicolau II e toda sua descendência de tiranos contam como a oferta é respondida com o chicote, o sabre e a bala.

Se o jornalista se gabasse por realizar um trabalho mais frutífero, nós responderíamos: sem a barriga, a cabeça não funciona; há olhos que não leem, mas não há estômagos que não comem.

II.

Quando preconizamos a união ou aliança da inteligência com o trabalho, não pretendemos que, por meio de uma hierarquia ilusória, o intelectual se erija como o tutor ou guia do trabalhador. A ideia de que o cérebro desempenha uma função mais nobre do que o músculo é própria do regime de castas: desde os grandes impérios do Oriente, figuram homens que se arrogam no direito de pensar, reservando às massas a obrigação de acreditar e trabalhar.

Os intelectuais servem como luz, mas não se devem fazer de guias, sobretudo nas tremendas crises sociais em que o braço executa o que a cabeça pensa. É verdade, o sopro da rebeldia que agita as multidões

de hoje vem de pensadores ou solitários. Foi sempre assim que aconteceu. A justiça nasce da sabedoria, que o ignorante não conhece nem o seu próprio direito nem o direito dos outros e acredita que na força se resume toda a lei do Universo. Incentivada por esta crença, a Humanidade costuma ter a resignação do bruto: sofre e se silencia. Mas de repente o eco de uma grande palavra ressoa, e todos resignados se reúnem à palavra salvadora, como os insetos se reúnem no raio de sol que penetra na escuridão da floresta.

O maior inconveniente dos pensadores é imaginar que só eles acertaram e que o mundo irá para onde eles querem e até onde ordenarem que vá. Revoluções vêm de cima e se operam a partir de baixo. Iluminados pela luz da superfície, os oprimidos no fundo veem a justiça e se lançam a conquistá-la, sem se deter nos meios ou se encolher com os resultados. Enquanto os moderados e os teóricos imaginam evoluções geométricas ou se enredam em minudências e detalhes de forma, a multidão simplifica as questões, os faz descer das alturas nebulosas os confina em terreno prático. Siga o exemplo de Alexandre: ele não desata o nó, ele o corta com um golpe de sabre.

Qual é o objetivo de um revolucionário? Influenciar as massas, sacudi-las, despertá-las e jogá-las em ação. Mas acontece que o povo, uma vez despertado de seu repouso, não se contenta em obedecer ao movimento inicial e coloca em jogo suas forças latentes, marcha e continua marchar até ir além do que seus impulsionadores pensavam e queriam. Aqueles que pensavam estar movendo uma massa inerte, se encontram com um organismo exuberante com vigor e iniciativa; encontram-se com outros cérebros que desejam irradiar sua luz, com outras vontades que desejam impor sua lei. Daí um fenômeno muito geral na história: os homens que no início de uma revolução parecem ousados e avançados, pecam por timidez e atraso no calor da luta ou nas horas de triunfo. Assim Lutero retrocedeu acovardado ao ver que sua doutrina produz a revolta dos camponeses alemães; assim, os revolucionários franceses se guilhotinam uns aos outros porque uns avançam e outros não querem ir mais longe ou retroceder. Quase todos os revolucionários e reformadores são como crianças: eles tremem com a aparência do ogro que eles evocaram com seus gritos. Tem sido dito que a Humanidade, ao se por em marcha, começa degolando seus líderes; não começa pelo sacrifício, mas geralmente termina com justificação, pois o amigo se torna um inimigo, o propulsor se transforma em rêmora.

Toda revolução tende a se tornar um governo de força, todo revolucionário triunfante se degenera em um conservador. Qual ideia não se degrada na aplicação? Qual reformador não cai em descrédito no poder? Os homens (especialmente os políticos) não cumprem o que prometem, nem a realidade dos fatos corresponde à ilusão dos deserdados. O descrédito de uma revolução começa no próprio dia de seu triunfo; e os desonradores são seus próprios líderes.

Uma vez dado o impulso, os verdadeiros revolucionários deveriam acompanhá-lo em todas as suas evoluções. Mas mudar com os acontecimentos, expelir convicções ultrapassadas e assimilar o novo, sempre foi repugnante para o espírito do homem, à sua presunção de acreditar que ele mesmo é o emissário do futuro e o revelador da verdade definitiva. Envelhecemos sem senti-lo, ficamos para trás sem perceber, imaginando que estamos sem perceber, imaginando que somos sempre jovens e anunciadores do novo, não nos resignando a confessar que aquele que vem depois de nós abraça mais horizontes por ter dado um passo à frente na subida da montanha. Quase todos nós vivemos girando em torno de fêretros que tomamos como

berços ou morremos pelos vermes, sem esculpir um casulo nem nos transformarmos em borboleta. Parecemos os marinheiros que disseram a Colombo no meio do Atlântico: "Não vamos continuar a viagem porque não há nada mais adiante". No entanto, mais adiante estava a América.

Mas ao falarmos de intelectuais e de trabalhadores, passamos a tratar de revolução. O que é tão estranho? Estamos conversando à sombra de uma bandeira que tremula em meio ao fogo das barricadas, nos vemos rodeados de homens que mais cedo ou mais tarde levantarão o grito das demandas sociais, falamos do 1º de Maio, o dia que merece ser chamado de Páscoa dos revolucionários. A celebração desta Páscoa, não apenas aqui, mas em todo o mundo civilizado, nos revela que a Humanidade deixa de se agitar por questões secundárias e exige mudanças radicais. Ninguém espera que um parlamento trará felicidade aos desgraçados, ou que de um governo choverá maná para satisfazer a fome de todos os ventres. O parlamento elabora leis de exceção e estabelece impostos que oneram mais pesadamente aqueles que possuem menos; a máquina governamental não funciona em benefício das nações, mas em benefício das frações dominantes.

Reconhecida a insuficiência da política para realizar o bem maior dos indivíduos, as controvérsias e as lutas sobre formas de governo e governantes ficam relegadas, ou melhor, desaparecem. Subsiste a questão social, a questão magna que os proletários resolverão pelo único meio eficaz: a revolução. Não essa revolução que derruba presidentes ou czares e converte uma república em uma monarquia ou uma autocracia em um governo representativo; mas sim a revolução mundial, aquela que apaga fronteiras, que suprime nacionalidades e convoca a Humanidade à posse e benefício da terra.

III.

Se, antes de concluir, fosse necessário resumir em duas palavras todo o sumo de nosso pensamento, se tivéssemos que escolher um padrão luminoso para nos guiar corretamente através das sinuosidades da existência, diríamos: sejamos justos. Justo com a Humanidade, justo para as pessoas em que vivemos, justo com a família que formamos e justo com nós mesmos, contribuindo para que todos os nossos semelhantes desfrutem e saboreiem sua parte de felicidade, mas não deixando de perseguir e desfrutar da nossa própria.

A justiça consiste em dar a cada homem o que legitimamente lhe corresponde; demos, portanto, a nós mesmos a parte que nos toca nos bens da Terra. O nascer nos impõe a obrigação de viver, e esta obrigação nos dá o direito de tomar não apenas o necessário, mas também o que é confortável e agradável. A vida do homem se compara a uma viagem no mar. Se a terra é um navio e nós somos passageiros, vamos fazer o melhor para viajar em primeira classe, tendo bom ar, bom camarote e boa comida, em vez de nos resignarmos ao fundo da enseada, onde se respira uma atmosfera pestilenta, se dorme sobre madeiras úmidas podres e se consome o lixo desperdiçado das bocas afortunadas. As provisões são abundantes? Então todos a comer segundo sua necessidade. Os víveres são escassos? Então todos racionarão, do capitão até o ínfimo grumete.

A resignação e o sacrifício, desnecessariamente praticados, nos tornariam injustos com nós mesmos. É certo que, pelo sacrifício e abnegação de almas heroicas, a Humanidade está entrando no caminho da

justiça. Mais do que reis e conquistadores, esses simples indivíduos, que adiaram suas próprias felicidades para a felicidade de seus semelhantes, que derramaram na areia morta do egoísmo as águas vivas do amor, merecem viver na História e no coração do povo. Se o homem pudesse se converter em sobre-humano, ele o conseguiria através do sacrifício. Mas o sacrifício deve ser voluntário. Não se pode aceitar que os possuidores digam aos despossuídos: sacrificai-vos e ganhai o céu, enquanto nós nos apoderamos da Terra.

Devemos tomar o que nos cabe, porque os monopolizadores dificilmente nos concederão de boa fé e por um surto espontâneo. Os 4 de agosto³ é mais um dispositivo do que uma realidade: os nobres renunciam a um privilégio e em seguida exigem dois; os sacerdotes se despojam do dízimo hoje, e amanhã exigem o dízimo e os primeiros frutos das colheitas. Como símbolo de propriedade, os antigos romanos escolheram o objeto mais significativo: uma lança. Este símbolo deve ser interpretado da seguinte forma: a posse de uma coisa não se baseia na justiça, mas na força; o possuidor não discute, ele fere; o coração do proprietário contém duas qualidades do ferro: dureza e frieza. Segundo os conhecedores do idioma hebraico, Caim significa o primeiro proprietário. Não estranhemos se um socialista do século XIX, ao ver em Caim o primeiro proprietário de terras e o primeiro fraticida, use esta coincidência para tirar uma conclusão assustadora: a propriedade é o assassinato.

Bem, se alguns machucam e não raciocinam, o que os outros farão? Desde que não se negue às nações o direito de insurreição para derrubar seus maus governos, deve se conceder a Humanidade esse mesmo direito de se livrar de seus inexoráveis exploradores. E a concessão é hoje um credo universal: teoricamente, a revolução está consumada porque ninguém nega as iniquidades do atual regime, nem deixa de reconhecer a necessidade de reformas que melhorem a condição do proletariado. (Não existe sequer o socialismo católico?). Praticamente, não será sem luta e sem derramamento de sangue, porque os mesmos que reconhecem a legitimidade das reivindicações sociais, não cedem um palmo nos terrenos de suas próprias conveniências: na boca levam palavras de justiça, no peito guardam obras de iniquidade.

No entanto, muitos não veem, ou fingem não ver, o movimento no coração das sociedades modernas. Nada lhes diz a morte das crenças, nada do enfraquecimento do amor patriótico, nada a solidariedade dos proletários, sem distinção de raça ou nacionalidade. Eles ouvem um clamor distante, e não percebem que é o grito dos famintos, que se propuseram a conquistar o pão; sentem o tremor do solo, e não compreendem que é o passo da revolução em curso; respiram em uma atmosfera saturada com o fedor dos cadáveres, e não percebem que são eles e todo o mundo burguês que exalam o fedor da morte.

Amanhã, quando ondas de proletários surgirem e investirem contra os muros da velha sociedade, os predadores e os opressores sentirão que chegou a hora da batalha decisiva e sem quartel. Eles invocarão seus exércitos, mas os soldados serão contados entre os rebeldes; chorarão até o céu, mas seus deuses permanecerão mudos e surdos. Então eles fugirão para se fortalecerem em castelos e palácios, acreditando que a ajuda virá de algum lugar. Quando virem que a ajuda não vem e que a onda de cabeças ameaçadoras ferve nos quatro pontos do horizonte, olharão para os rostos um do outro e sentirão pena de si mesmos (aqueles que nunca sentiram pena de ninguém) repetirão horrorizados: é a inundação dos bárbaros! Mas uma voz, formada pelo rugido de incontáveis vozes, responderá: não somos o dilúvio da barbárie, somos o dilúvio da justiça.

Notas

* Originalmente, o texto é uma transcrição de discurso feito em 1º de maio de 1905 na Federação dos sindicatos dos padeiros. Em 2019, a Casa da literatura peruana, órgão do Ministério da Educação do país, publicou uma acurada versão gráfica do texto original que pode ser conferida gratuitamente no endereço eletrônico <<http://www.casadelaliteratura.gob.pe/intelectual-i-obrero-manuel-gonzalez-prada/>>.

¹ Intelectual e poeta compromissado com a ruptura política e estética de sua época, Manuel González Prada (1844-1918) escreveu “El intelectual y lo obrero” como intervenção na Federação de Operários Padeiros Estrela do Peru, em celebração do 1º de maio de 1905. Neste dia foi realizada uma homenagem a Florencio Aliaga, trabalhador portuário assassinado no ano anterior, no marco das lutas pela jornada de trabalho de 8 horas. O texto de González Prada foi lido na ocasião e publicado em diferentes meios da época, sintetizando seu olhar sobre a relação entre pensamento e ação, entre trabalho manual e intelectual, em perspectiva revolucionária. Deu nome à experiência da Universidade Popular Gonzalez Prada, que teve como um de seus organizadores e professor o comunista peruano José Carlos Mariátegui.

² Doutor em Ciência política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3600345785062191>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1378-951X>. E-mail: adriano.nascimento@corregedoria.ufal.br.

³ [N. do E.: no dia 4 de agosto de 1821, logo após a declaração de independência do Peru em 28 de julho, o general argentino San Martín criou a Alta Câmara de Justiça do país. Desde 1971, a partir de decreto do governo Juan Velasco Alvarado, o 4 de agosto é celebrado nacionalmente como o dia do juiz e da juíza. Prada parece evocar a data para mostrar que a justiça no país é meramente uma formalidade criada nos altos escalões dos governos.]

Recebido em: 13 dez. 2021

Aprovado em: 18 dez. 2021